

PALAVRAS COMPLEXAS COMPLICADAS

Alina Villalva¹

alina_villalva@yahoo.com

RESUMO: Partindo de uma breve descrição das estruturas morfológicas canônicas que ocorrem nas línguas de morfologia concatenativa, como o Português, constrói-se uma hipótese de relacionamento de estruturas geradas a partir do mesmo radical. Esta hipótese conduz à formação de uma estrutura única, chamada estrutura convergente, a partir da qual é possível alterar as propriedades dos constituintes morfológicos envolvidos e desenhar novas relações lexicais entre as diversas palavras participantes.

PALAVRAS-CHAVE: estrutura morfológica; estruturas convergentes; formação de palavras; paradoxos de parentetização; sufixação avaliativa.

INTRODUÇÃO

Se admitirmos o princípio de que as palavras são estruturas morfológicas com características próprias e distintas de outras unidades linguísticas, teremos também de aceitar que a postulação de uma hipótese sobre a representação dessas estruturas é indispensável para a análise morfológica. Esta hipótese exige uma rigorosa descrição das propriedades das unidades lexicais, quer no que diz respeito à sua delimitação², quer quanto à sua categorização³, mas, em contrapartida, permite compreender o que há de

¹ Departamento de Linguística Geral e Românica da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e Centro de Linguística da Universidade de Lisboa.

² Os problemas de segmentação são frequentes na análise morfológica. Palavras como *abundância*, *ascendência* e *afluência* são muitas vezes analisadas como derivados formados por intervenção do sufixo *-ância* ou *-ência*. Na realidade, o sufixo em questão é *-ncia*, sufixo que selecciona temas verbais do presente, que se caracterizam pela presença da vogal temática *-a*, na 1ª conjugação, e *-e*, nas 2ª e 3ª conjugações. Os radicais neoclássicos, para citar um outro caso típico de erro de segmentação, são frequentemente referidos numa forma que inclui a vogal de ligação que ocorre à sua direita, quando não estão em posição final (cf. *antropo-*, *termo-*, *hidro-*). Essa vogal é na realidade um constituinte autónomo, que não está presente nos casos em que o radical não precede um outro radical, mas sim, por exemplo, um sufixo derivacional (cf. *filantropia*, *térmico*, *hídrico*).

³ A distinção entre sufixos derivacionais e sufixos modificadores, por exemplo, ou entre os índices temáticos e os sufixos de flexão, é absolutamente crucial para a estipulação de uma hipótese de representação das estruturas morfológicas.

A categorização dos constituintes não é, no entanto, completamente isenta de problemas. Alguns, por exemplo, se em alguns casos são claramente prefixos (cf. [*in*]justo), noutros são unidades mais autónomas

comum entre palavras diferentes, quer o contraste provenha da pertença a diferentes classes sintácticas, quer dependa do seu grau de complexidade estrutural, quer decorra de contrastes de natureza morfológica. Esta hipótese de representação, os pressupostos em que assenta e as suas vantagens serão objecto de descrição na secção 1.

Há, no entanto, problemas por resolver. A análise da estrutura morfológica das palavras complexas, apresentada em traços gerais na secção 2, permite identificar, no Português, três grandes tipos: o das palavras formadas por derivação, o das palavras formadas por modificação e o das palavras formadas por composição.

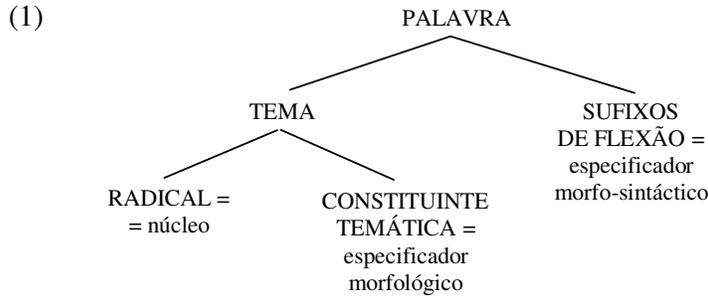
Há, no entanto, algumas estruturas morfológicas complexas que não cabem bem nos modelos destas estruturas canónicas. Exemplos clássicos são os que dizem respeito a estruturas parassintéticas, como *endoidecer*, e a casos de conversão, como *embarque*, dado que põem em causa o princípio de ramificação binária, mas também a casos em que a fronteira entre a morfologia e a sintaxe se esbate, como na coordenação de complementos do sufixo *-mente* (cf. *clara e inequivocamente*) ou na coordenação sindética de prefixos (*pré- e pós-parto*). O caso que aqui trago à discussão é, porém, um outro, relacionado com estruturas que combinam derivação e modificação, como a de *irrealizabilidade*. Estas palavras, que, em determinadas circunstâncias também envolvem paradoxos de parentetização (cf. *irrealização*), justificam uma revisão dos princípios de análise morfológica até aqui considerados e já sumariamente referidos, apontando para a necessidade de encontrar um mecanismo que permita dar conta da sobreposição de estruturas convergentes. Esta é a matéria que será objecto da secção 4.

1. O QUADRO DE REFERÊNCIA

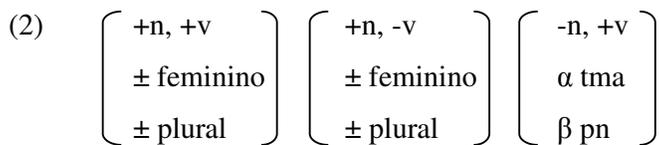
O quadro de referência em que se desenvolve o presente trabalho está apresentado em Villalva (2000) e assenta em princípios conhecidos na literatura da teoria morfológica, como a ramificação binária (cf. Lieber 1980: 32), os conceitos de núcleo, complemento, especificador e modificador (cf. Williams 1981, Law 1990, Lieber 1992), o princípio de percolação e o conceito de assinatura categorial (cf. Lieber 1989). Neste quadro, e em línguas de morfologia concatenativa, como o Português, pode admitir-se que as palavras são estruturas caracterizáveis como projecções de um

(cf. [*não*]alinhado) e outros ainda têm uma óbvia semelhança com os radicais neoclássicos (cf. [*mega*]manifestação).

radical (i.e. o núcleo) por especificação morfológica, que é realizada por um constituinte temático⁴, e por especificação morfo-sintáctica, que é realizada pela flexão morfológica⁵, sendo ambas condicionadas pela categoria sintáctica do radical:



Este condicionamento é estabelecido com base na assunção de que às unidades lexicais está associada uma ‘assinatura categorial’, formada por traços categoriais (e.g. $[\pm n]$ e $[\pm v]$) e pelos traços que codificam as propriedades sintacticamente relevantes para cada categoria de palavras, que são aquelas que intervêm em processos de concordância ou regência. Assim, no Português, a assinatura categorial de adjectivos, nomes e verbos será constituída pelo seguinte conjunto de traços⁶:



A conjugação destes instrumentos de análise morfológica permite dar conta da estrutura das palavras simples, qualquer que seja a categoria a que pertençam, gerando representações como as seguintes:

- (3) $[[[estud]]]$ radical verbal (rv) $[a]$ tema verbal (tv) $[r]$ verbo (v)
 $[[[livr]]]$ radical nominal (rn) $[o]$ tema nominal (tn) $[s]$ nome (n)
 $[[[bonit]]]$ radical adjectival (radj) $[o]$ tema adjectival (tadj) $[s]$ adjectivo (adj)
 $[[[ced]]]$ radical adverbial (radv) $[o]$ tema adverbial (tadv) $[]$ advérbio (adv)

⁴ Constituinte temático é a etiqueta que permite identificar mais facilmente a vogal temática (vt) dos verbos e o índice temático (it) dos nomes e dos adjectivos. A subclassificação é justificada pela semelhança existente na realização do constituinte temático dos nomes e dos adjectivos, e na diferença que estabelecem com o constituinte temático dos verbos.

⁵ A flexão morfológica diz respeito às categorias de tempo-modo-aspecto (tma) e pessoa-número (pn), nos verbos, e número (nº) nos nomes e nos adjectivos.

⁶ Sobre a escolha dos traços $[\pm \text{feminino}]$, $[\pm \text{plural}]$, $[\alpha \text{ tma}]$ e $[\beta \text{ pn}]$ veja-se Villalva (2000).

[[[*portant*]] radical da conjunção (rconj) [*o*]] tema da conjunção (tconj) [] conjunção (conj)

[[[*calud*]] radical da interjeição (rinterj) [*a*]] tema da interjeição (tinterj) [] interjeição (interj)

[[[*desd*]] radical da preposição (rprep) [*e*]] tema da preposição (tprep) [] preposição (prep)

A validação deste quadro de análise requer, por um lado, uma criteriosa revisão da definição de flexão (cf. 1.1.), e por outro, a observação dos casos em que uma ou mesmo mais do que uma posição estrutural não está preenchida (cf. 1.2.).

1.1 SOBRE A DEFINIÇÃO DE FLEXÃO

O conceito comum de flexão toma-a como sinónimo de variação. Assim, encontra-se, habitualmente, sob o seu chapéu toda o paradigma de variação verbal em tempo-modo-aspecto e pessoa-número, e ainda em género e número no participio passivo, e toda a variação adjectival e nominal em género, número e grau. Ora, este englobamento não contempla óbvias diferenças de comportamento.

Admitindo que as propriedades definitórias da flexão são a sua obrigatoriedade e sistematicidade, ou seja, o facto de intervirem obrigatoriamente e sempre da mesma forma, é necessário admitir que nem toda a variação cai na alçada da flexão. Assim, por um lado, é necessário excluir a formação de todas as formas participiais, à excepção da que ocorre na formação dos tempos compostos. Com efeito, enquanto esta última é gerada por flexão em tempo-modo-aspecto, à semelhança do que sucede com o gerúndio e o infinitivo, todas as restantes formas participiais exibem variação em género e número, que não são categorias de variação verbal, mas sim adjectival ou nominal:

- (4) a. *A Maria Helena tem-me **convidado** muitas vezes para jantar.*
*O Miguel tem-me **convidado** muitas vezes para jantar.*
*A Maria Helena e o Miguel têm-me **convidado** muitas vezes para jantar.*
- b. *Fui **convidado** para jantar pela Maria Helena.*
*Fui **convidada** para jantar pela Maria Helena.*
*Fomos **convidados** para jantar pela Maria Helena.*
*A Maria Helena disse-me que eu estou **convidada** para jantar.*
*A Maria Helena disse-me que eu estou **convidado** para jantar.*
*A Maria Helena disse-me que nós estamos **convidados** para jantar.*

Quanto ao domínio dos adjectivos e dos nomes, é necessário estabelecer uma distinção entre a variação em número, por um lado, e a variação em género e grau. A primeira é obrigatória e sistemática: todos os adjectivos e todos os nomes têm de variar em número, exigindo uma das suas especificações possíveis (i.e. singular ou plural), ainda que, no caso dos nomes não-contáveis, a interpretação da variação em número não corresponda a um contraste de quantificação (i.e. 1 unidade vs. mais do que 1 unidade), mas sim ao contraste entre o nome de uma substância e um conjunto de tipos dessa substância:

(5)	<i>alto</i>	<i>altos</i>	<i>copo</i>	<i>copos</i>
	<i>contente</i>	<i>contentes</i>	<i>alegria</i>	<i>alegrias</i>
	<i>denso</i>	<i>densos</i>	<i>farinha</i>	<i>farinhas</i>

Todos os adjectivos e nomes variam em número por adição do sufixo *-s*, ainda que processos morfo-fonológicos (e até pormenores de natureza meramente gráfica) possam obscurecer este processo:

(6)	<i>alto</i>	<i>alto+s=altos</i>	<i>copo</i>	<i>copo+s=copos</i>
	<i>feroz</i>	<i>feroz+s=ferozes</i>	<i>calor</i>	<i>calor+s=calores</i>
	<i>natural</i>	<i>natural+s=naturais</i>	<i>papel</i>	<i>papel+s=papéis</i>
	<i>febril</i>	<i>febril+s=febris</i>	<i>barril</i>	<i>barril+s=barris</i>
	<i>são</i>	<i>são+s=sãos</i>	<i>mão</i>	<i>mão+s=mãos</i>
	<i>alemão</i>	<i>alemão+s=alemães</i>	<i>cão</i>	<i>cão+s=cães</i>
	<i>solteirão</i>	<i>solteirão+s=solteirões</i>	<i>coração</i>	<i>coração+s=corações</i>
	<i>simples</i>	<i>simples+s=simples</i>	<i>pires</i>	<i>pires+s=pires</i>

Já no que diz respeito à variação adjectival e nominal em género e em grau se constata que o comportamento se distingue do caso anterior, quer no que diz respeito à obrigatoriedade, quer quanto à sistematicidade:

- i. Os adjectivos são lexicalmente especificados como variáveis ou invariáveis em género; consequentemente, nos adjectivos, a variação em género não é obrigatória. Por outro lado, nos casos em que pode haver variação de género, ela não é realizada de forma sistemática:

Exs. <i>aluno inteligente</i>	<i>aluna inteligente</i>
<i>aluno aplicado</i>	<i>aluna aplicada</i>
<i>aluno cumpridor</i>	<i>aluna cumpridora</i>
<i>bom aluno</i>	<i>boa aluna</i>
<i>aluno grandalhão</i>	<i>aluna grandalhona</i>

- ii. No que diz respeito à variação dos adjectivos em grau, constata-se que ela nunca é obrigatória e também que admite diferentes realizações:

Exs. *inteligentíssimo*
parecidérrimo
novinho
pesadito
levezinho

- iii. Quanto aos nomes, eles são inerentemente portadores de informação relativa ao género. Todos os nomes têm um valor de género, seja ele masculino, feminino ou subespecificado, e alguns têm até dois valores aparentemente incompatíveis:

Exs. *um livro*
uma leitura
um/uma artista
um personagem / uma personagem

- iv. No entanto, nem todos podem participar em contrastes de género: os nomes que referem entidades inanimadas estão impedidos de o fazer⁷, mas também não basta referir uma entidade animada para que um nome possa aceder a contrastes deste tipo:

Exs. <i>um livro</i>	<i>*uma livro</i>
<i>uma leitura</i>	<i>*um leitura</i>
<i>um aluno</i>	<i>uma aluna</i>
<i>um ídolo</i>	<i>*uma ídolo</i>
<i>*um pessoa</i>	<i>uma pessoa</i>

Os dados aqui compulsados mostram, pois, que os verbos variam obrigatória e sistematicamente em tempo-modo-aspecto e pessoa-número⁸, pelo que estas e apenas estas são as suas categorias de flexão. Quanto aos adjectivos e nomes, a única variação

⁷ Pares como barco/barca ou ovo/ova não formam contrastes de género. Trata-se de radicais diferentes com diferentes especificação temáticas e de género.

⁸ Sendo que as formas nominais do verbo (i.e. participio, gerúndio e infinitivo) são sistematicamente defectivas em pessoa-número.

sistemática e obrigatória⁹ é a variação em número. Conclui-se, assim, que os adjetivos e nomes flexionam em número e que a variação em gênero e grau requer um outro enquadramento (no âmbito da derivação ou da modificação, entre outras possibilidades).

1.2 POSIÇÕES VAZIAS

O segundo aspecto que é necessário clarificar para validar o modelo de análise adoptado diz respeito ao preenchimento das posições estruturais. Qualquer uma das posições da estrutura canónica apresentada em (1) pode estar vazias, mas é necessário distinguir:

- i. Os casos em que um constituinte não é foneticamente realizado, por intervenção de um processo morfo-fonológico de assimilação: é o que se verifica com a vogal temática que precede sufixos de flexão começados por vogal:

Ex. $cant]_{rv} a]_{vt} o]_{sf} \rightarrow [k\tilde{e}tu]$

- ii. Os casos em que um constituinte morfológico é realizado por um segmento que não tem existência fonológica, e sim apenas fonética: é o caso do it \emptyset : a realização fonética do plural cria um contexto fonético propício à sua realização como [□]; a realização fonética do singular não o exige:

Ex. $flor]_m \emptyset]_{it}]_{sf} \rightarrow [f\text{lor}]$
 $flor]_m \emptyset]_{it} s]_{sf} \rightarrow [f\text{lor}\square\square]$

- iii. Os casos em que nenhuma unidade lexical pode ocupar uma posição da estrutura morfológica e nenhum processo morfo-fonológico preenche esse vazio, mas essa ausência é semanticamente interpretável: um tema nominal especificado pela ausência de sufixo de número é um nome singular; um tema verbal especificado pela ausência de sufixos de tempo-modo-aspecto e pessoa-número é uma forma verbal de 3ª pessoa-singular do presente do indicativo:

Ex. $esfer]_m a]_{it}]_{sf} \rightarrow esfera_{n, singular}$
 $cant]_{rv} a]_{vt}]_{sf} \rightarrow canta_{v, 3^a \text{ pessoa do singular, presente do indicativo}}$

⁹ Excepção feita a palavras lexicalizadas, como *óculos* ou *queixinhas*, que, dado esse seu estatuto particular, não invalidam a generalização.

- iv. Há ainda, embora apenas marginalmente, casos de radicais vazios, como se verifica com os determinantes definidos e com algumas formas do verbo *ir*:

Ex.	$]_{\text{rdet}} o]_{\text{it}}]_{\text{sf}}$	→	<i>o</i> determinante definido, masculino singular
	$]_{\text{rdet}} a]_{\text{it}}]_{\text{sf}}$	→	<i>a</i> determinante definido, feminino singular
	$]_{\text{rdet}} o]_{\text{it}} s]_{\text{sf}}$	→	<i>os</i> determinante definido, masculino plural
	$]_{\text{rdet}} a]_{\text{it}} s]_{\text{sf}}$	→	<i>as</i> determinante definido, feminino plural
	$]_{\text{rv}} i]_{\text{vt}} a]_{\text{tma}}]_{\text{pn}}$	→	<i>ia</i> v, 1ª / 3ª pessoa do singular, imperfeito do indicativo
	$]_{\text{rv}} i]_{\text{vt}} a]_{\text{tma}} s]_{\text{pn}}$	→	<i>ias</i> v, 2ª pessoa do singular, imperfeito do indicativo
	$]_{\text{rv}} i]_{\text{vt}} a]_{\text{tma}} mos]_{\text{pn}}$	→	<i>íamos</i> v, 2ª pessoa do singular, imperfeito do indicativo
	$]_{\text{rv}} i]_{\text{vt}} a]_{\text{tma}} is]_{\text{pn}}$	→	<i>íeis</i> v, 2ª pessoa do singular, imperfeito do indicativo
	$]_{\text{rv}} i]_{\text{vt}} a]_{\text{tma}} m]_{\text{pn}}$	→	<i>iam</i> v, 2ª pessoa do singular, imperfeito do indicativo

Nenhum destes casos de não-preenchimento das posições estruturais previstas em (1) põe em risco essa hipótese sobre a estrutura morfológica das palavras: os casos referidos em (i) e (ii) são classicamente tratados pela fonologia; os casos analisados em (iii) são de fácil resolução num quadro de variação paradigmática em que um dos termos contrasta pela ausência de qualquer marca formal específica, como se verifica com a flexão. Quanto aos casos identificados em (iv), é necessário referir que se trata de casos únicos nas suas categorias, ou seja, excluindo o verbo *ir*, por exemplo, não há nenhum outro verbo da 3ª conjugação que possa apresentar um radical vazio. Um radical vazio conduz obrigatoriamente, à lexicalização.

Falta referir a ausência de índice temático nos nomes e adjectivos atemáticos (cf. (7a) e de flexão nas palavras invariáveis (cf. 7b). Em línguas como o Português estes casos são relativamente pouco numerosos, mas noutras línguas¹⁰ têm uma presença bem mais significativa:

- (7) a. $café]_{\text{rn}} []_{\text{it}}]_{\text{tn}} []_{\text{fm}}]_{\text{n}}$
 $manhã]_{\text{rn}} []_{\text{it}}]_{\text{tn}} []_{\text{fm}}]_{\text{n}}$
 $museu]_{\text{rn}} []_{\text{it}}]_{\text{tn}} []_{\text{fm}}]_{\text{n}}$
 $armazém]_{\text{rn}} []_{\text{it}}]_{\text{tn}} []_{\text{fm}}]_{\text{n}}$
 $táxi]_{\text{rn}} []_{\text{it}}]_{\text{tn}} []_{\text{fm}}]_{\text{n}}$
 $fórum]_{\text{rn}} []_{\text{it}}]_{\text{tn}} []_{\text{fm}}]_{\text{n}}$

¹⁰ Em Inglês, por exemplo, as palavras são geralmente atemáticas, o que talvez ajude a compreender a maior facilidade com que a formação de palavras opera por conversão (cf. *house* _n → (*to*) *house* _v). Há, no entanto, casos em que um índice temático, por razões diacronicamente justificadas, está presente: é o que se verifica em verbos como *evacuate* ou *nominate*, que não apresentam esse constituinte temático em derivados como *evacuee* ou *nominee*.

miragem]_m []_{it}]_{tn} []_{fm}]_n

- b. *ced*]_{radv} [*o*]_{it}]_{tadv} []_{fm}]_{adv}
portant]_{rconj} [*o*]_{it}]_{tconj} []_{fm}]_{conj}
calud]_{rinterj} [*a*]_{it}]_{tinterj} []_{fm}]_{interj}
desd]_{rprep} [*e*]_{it}]_{tprep} []_{fm}]_{adv}

A especificação morfológica e a especificação morfo-sintáctica são determinadas idiossincriticamente pelos radicais. Assim, há radicais nominais e radicais adjectivais que não requerem a presença de qualquer índice temático, sendo caracterizáveis como radicais atemáticos. Nestes casos, a forma do radical, a do tema e a da palavra flexionada no singular são idênticas (cf. 8a), e o plural é formado por adjunção do sufixo *-s*, ocorrendo imediatamente à direita do radical (cf. 8b). Note-se ainda que as palavras complexas formadas a partir de bases atemáticas disponibilizam frequentemente apenas a palavra flexionada no singular, obrigando à intervenção dos *z*-sufixos (cf. 8c)¹¹:

- (8) a. *manhã*]_m []_{it}]_{tn} []_{fm}]_n
fórum]_m []_{it}]_{tn} []_{fm}]_n
 b. *museu*]_m []_{it}]_{tn} [*s*]_{fm}]_n
táxi]_m []_{it}]_{tn} [*s*]_{fm}]_n
 c. *cafe*]_m []_{it}]_{tn} []_{fm}]_n *zal*]_n
armazém]_m []_{it}]_{tn} []_{fm}]_n *zinho*]_n

Quanto às palavras invariáveis, dado que não participam em situações de concordância ou regência, não há razão para que variem nessas categorias. Assim, a posição da flexão fica por preencher¹², mas toda a restante estrutura está presente, o que permite que a formação de avaliativos, por exemplo, seleccione o radical:

- (9) *ced*]_{radv} [*íssim*]_{saval} [*o*]_{tadv}]_{adv}

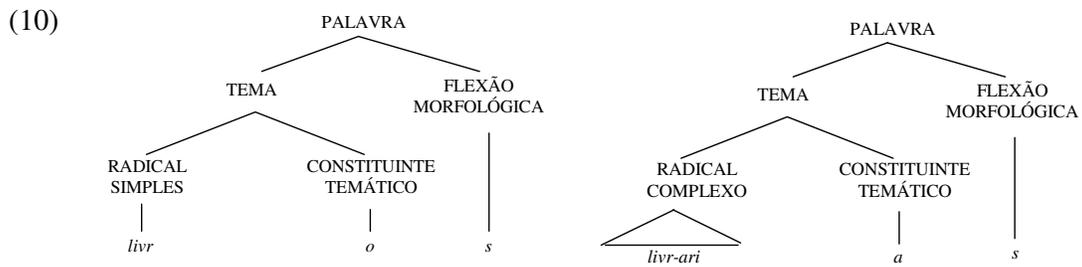
¹¹ Os radicais atemáticos também ocorrem em casos de derivação (cf. *cafeeiro*, *florinha*, *papelinho*), mas, quer no Português Europeu quer em muitos dos dialectos do Português do Brasil, não em casos de modificação (cf. **boinho*, **paita*).

¹² Não se trata de uma não-realização fonológica e fonética, mas sim do não-preenchimento morfo-lexical da posição estrutural da flexão.

calud]_{rinterj} *inh*]_{saval} *a*]_{tinterj}]_{inter}

2. ESTRUTURAS COMPLEXAS

A estrutura morfológica das palavras complexas difere da estrutura das palavras simples apenas no domínio do radical, ou seja, as palavras complexas são, na realidade, radicais complexos, cuja especificação morfológica e morfo-sintáctica se processa de modo idêntico ao das palavras simples:



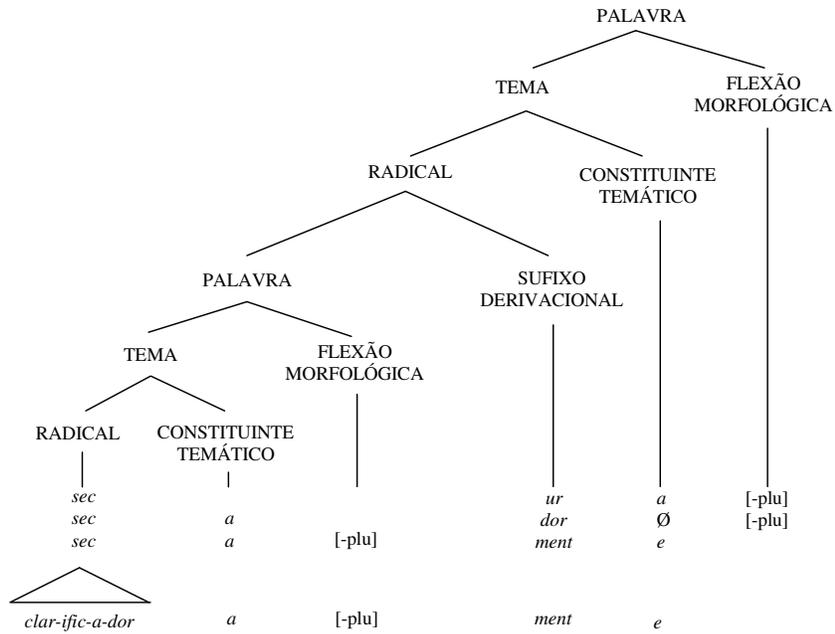
A estrutura morfológica das palavras complexas corresponde, pois, à ramificação do núcleo mais alto, que é o radical, o que constitui uma das suas características definitórias e distintivas relativamente às estruturas sintácticas.

Ora, no Português, como em muitas outras línguas, não existe apenas um tipo de palavras complexas, podendo distinguir-se:

- i. estruturas de derivação
- ii. estruturas de modificação
- iii. estruturas de composição

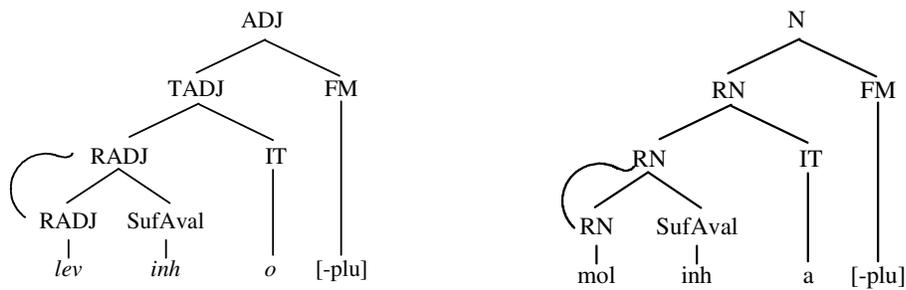
As estruturas de derivação são obrigatoriamente realizadas por sufixação, sendo, no domínio do radical derivado, estruturas de núcleo final. O complemento do sufixo derivacional pode ser um radical (cf. *secura*), um tema (cf. *secador*) ou uma palavra (cf. *secamente*), pelo que se pode admitir que o constituinte seleccionado é, em abstracto, uma projecção máxima, cujas posições são preenchidas em função das propriedades de selecção do sufixo, e pode também ser uma estrutura complexa, ela própria formada por derivação, exemplificando a propriedade de recursividade das estruturas morfológicas:

(11)



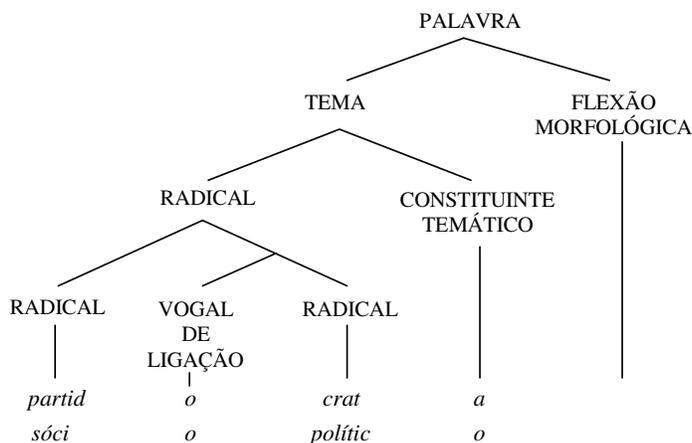
Quanto às estruturas de modificação, há que considerar dois tipos, já que tanto podem ser realizadas por prefixação (cf. *infeliz*) como por sufixação (cf. *bonitinho*). Quer num caso quer noutro, e tendo em conta a natureza gramatical dos afixos modificadores, trata-se de estruturas de adjunção (à esquerda, no primeiro caso, à direita, no segundo), pelo que a informação do núcleo é integralmente percolada para a sua projecção que domina o adjunto. Os sufixos avaliativos, que *-inh* exemplifica, são, pois, adjungidos à direita de uma base, neste caso um radical (adjectival, nominal, etc):

(12)



Deste modo, é possível explicar a preservação da classe temática nos casos em que os radicais têm tema em *-a* masculino (cf. 13a), tema em *-o* feminino (cf. 13b) ou outros temas, menos frequentes (cf. 13c), e também a possibilidade de ocorrência do mesmo sufixo em posições adjacentes (cf. 13d):

(15)



A descrição das estruturas morfológicas complexas, no Português, permite então constatar que há estruturas predicativas, de núcleo final (trata-se das estruturas derivadas), há estruturas de modificação à direita (com a sufixação avaliativa) e estruturas de modificação à esquerda (com a prefixação e a composição por adjunção) e estruturas de conjunção (apenas na composição).

3. REPRESENTAÇÕES CONVERGENTES

As estruturas até aqui analisadas são estruturas geradas à luz do princípio de ramificação binária e de uma versão morfológica da teoria X-barra¹⁵. Há, no entanto, casos em que estes pressupostos teóricos parecem não bastar. Consideremos os dois seguintes conjuntos de palavras:

<i>real</i>	<i>in real</i>	(= <i>irreal</i>)
<i>real iz a</i>		
<i>real iz a ção</i>	<i>in real iz a ção</i>	(= <i>irrealização</i>)
<i>real iz a vel</i>	<i>in real iz a vel</i>	(= <i>irrealizável</i>)
<i>real iz a bil idade</i>	<i>in real iz a bil idade</i>	(= <i>irrealizabilidade</i>)

Quadro 1: Palavras derivadas de *real* e de *irreal*

Todas estas palavras estão atestadas no *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*. As relações entre *real*, *realiza(r)* e *realização*, ou entre *real*,

¹⁵ Veja-se Villalva (2000:11) e Sportiche (1989).

realiza(r), *realizável* e *realizabilidade*, ou *real* e *irreal*, ou ainda *realizável* e *irrealizável* ou *irrealizável* e *irrealizabilidade* são, à luz do quadro de análise em uso, fáceis de compreender e de representar:

- i. A formação de verbos em *-iz(ar)* a partir de adjectivos em *-al*¹⁶ é extremamente frequente, tal como a formação de nomes em *-ção* a partir de verbos em *-iz(ar)*¹⁷. Por outras palavras, o sufixo de adjectivalização *-al* potencia o sufixo verbalizador *-iz(ar)*, que, por sua vez, potencia o sufixo de nominalização *-ção*, dando origem a estruturas do seguinte tipo, no qual *realização* se integra:

(16) [[[[[X]al]_{RADJ} iz]_{RV} a]_{TV} ção]_N

- ii. Paralelamente, o sufixo *-iz(ar)* também potencia o sufixo *-bil* (que assume a forma *-vel* em final de palavra), que, por sua vez, potencia o sufixo *-idad(e)*, fenómenos exemplificados por uma forma como *realizabilidade*:

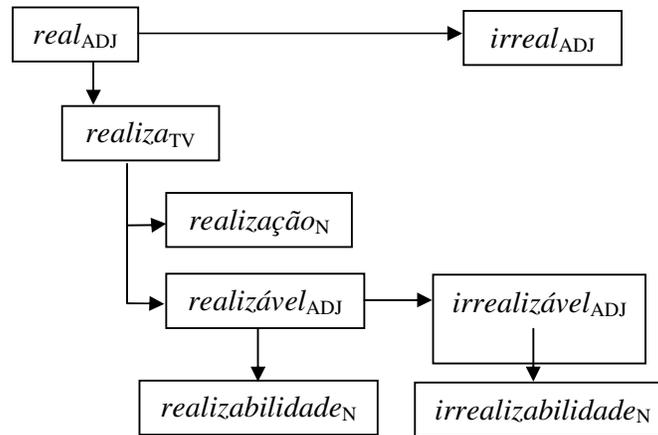
(17) [[[[[X]al]_{RADJ} iz]_{RV} a]_{TV} bil]_{RADJ} idade]_N

- iii. Por outro lado, o prefixo de negação *in-* associa-se tipicamente a adjectivos, o que legitima quer a formação de *irreal*, quer a formação de *irrealizável* e, subsequentemente, a formação de *irrealizabilidade*.

Este complexo quadro de relações pode ser representado através do seguinte diagrama:

¹⁶ Cf. *brutalizar*, *canalizar*, *centralizar*, *especializar*, *finalizar*, *globalizar*, *idealizar*, *individualizar*, *industrializar*, *lexicalizar*, *marginalizar*, *neutralizar*, *oficializar*, *penalizar*, *potencializar*, *teatralizar*, etc.

¹⁷ Cf. *brutalização*, *canalização*, *centralização*, *especialização*, *finalização*, *globalização*, *idealização*, *individualização*, *industrialização*, *lexicalização*, *marginalização*, *neutralização*, *oficialização*, *penalização*, *potencialização*, *teatralização*, mas também *agilização*, *alfabetização*, *burocratização*, *canonização*, *caracterização*, *cicatrização*, *dinamização*, *estabilização*, *hipnotização*, etc.



Quadro 2: Relações lexicais de *real*

Este esquema permite facilmente compreender que não é possível estabelecer qualquer relação estrutural entre *irreal* e *irrealizável*, tal como sucede com o par *realizabilidade* e *irrealizabilidade*. Estas impossibilidades relacionais são teoricamente desejáveis, dado que respeitam todas as propriedades inerentes e seleccionais dos constituintes envolvidos, mas também porque excluem interpretações semânticas inadequadas. Senão vejamos: *irrealizável* é parafraseável como ‘não realizável’ e não como ‘o que pode ser tornado irreal’; *irrealizabilidade* é parafraseável como ‘a qualidade do que é irrealizável’ e não como ‘a não realizabilidade’. O problema surge com palavras como *irrealização* ou com o próprio verbo *irrealizar* que, apesar de não estar dicionarizado é usado pelos falantes¹⁸.

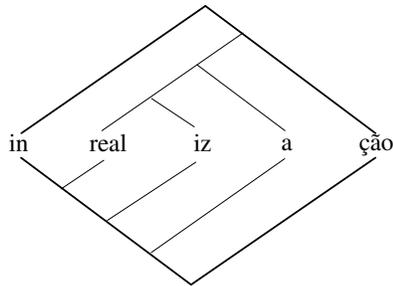
De um ponto de vista formal, nada impede a formação do verbo *irrealizar*, a partir do adjectivo *irreal*, já do ponto de vista semântico ela suscita dúvidas, dado que a formação de verbos causativos exige que o processo seja plausível, e a plausibilidade do processo de ‘tornar irreal’ é baixa. Daí que as atestações deste verbo sejam encontradas em textos com um cariz literário ou filosófico, ou seja, textos que constroem um universo de referência particular.

No entanto, a atestação do verbo *irrealizar* não resolve o problema causado pela existência de *irrealização*, dado que a interpretação desta forma não corresponde, como formalmente exigido à nominalização do verbo em *-ção*, mas sim à indevida prefixação do nome. Trata-se, portanto, de um caso clássico de paradoxo de parentetização, ou seja,

¹⁸ Uma simples busca na internet permite encontrar inúmeras ocorrências, que a seguinte frase exemplifica: “A sobreposição de sonhos é que impede tudo, é que *irrealiza* tudo”.

de um caso em que a parentetização que respeita as restrições de selecção dos diversos constituintes não é compatível com a parentetização semanticamente adequada:

(18)

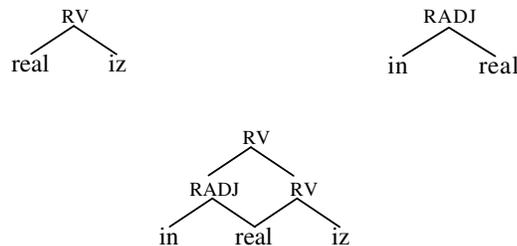


Uma das soluções propostas para casos deste tipo é a coanálise¹⁹, que prevê a possibilidade de atribuir a uma única estrutura duas diferentes representações. Esta hipótese não resolve, por si só, problemas como o que *irrealização* coloca, dado que a formação do verbo *irrealizar* é duvidosa. Mas avança com um dos passos necessários. A solução aqui proposta assenta, então, nos seguintes pressupostos:

- i. cada palavra complexa têm uma representação própria;
- ii. quando duas estruturas complexas partilham um mesmo constituinte, elas podem fundir-se, gerando uma estrutura de coanálise

Tomemos, como exemplo, os casos de *realizar* e *irreal*: ambos são formados a partir do radical adjectival *real*. A fusão destas duas estruturas numa única potencia a criação de uma estrutura de sobreposição para o verbo *irrealizar*:

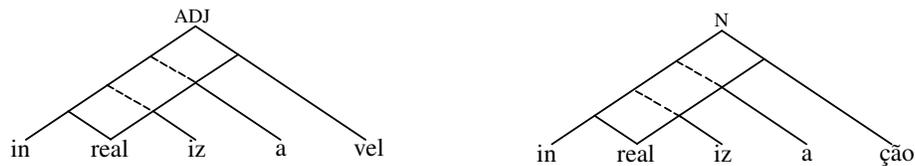
(19)



¹⁹ Di Sciullo e Williams (1987: 77) são os autores originais desta proposta: “certain structures that deviate from the core are characterized by the fact that two analyses, rather than a single analysis, must hold of them, where each analysis by itself is well formed according to the core, and that the special properties of these constructions flow from this dual analysis.”

Aceitando o princípio de sobreposição de estruturas compatíveis, pode também aceitar-se que a partir da estrutura de uma palavra como *irrealizável*, e por um mecanismo de pressão paradigmática, as linhas inexistentes na estrutura tomem forma, acabando por alterar as próprias propriedades de selecção dos afixos envolvidos, como se verifica com as restrições de selecção do prefixo de negação *in-*, que selecciona tipicamente adjectivos, mas também exhibe alguns casos de selecção de verbos²⁰ e de nomes²¹:

(20)



Em suma, a coexistência de palavras formadas independentemente a partir de um mesmo radical (ou tema, ou mesmo palavra), pode, nos casos em que possuem estruturas compatíveis, dar origem a uma nova estrutura, que é uma estrutura de sobreposição. A existência de uma estrutura de sobreposição pode, subsequentemente, dar origem a formação de palavras em circunstâncias distintas das que os constituintes envolvidos admitem, o que, eventualmente poderá levar a uma mutação dessas propriedades.

4. CONCLUSÃO

As estruturas morfológicas habitualmente consideradas na descrição de processos de formação de palavras são estruturas ‘puras’, ou seja, estruturas que consideram os diversos processos independentemente, analisando, caso a caso, o comportamento de cada afixo e os efeitos da sua afixação. A consideração conjunta de

²⁰ Nos seguintes casos o prefixo *in-* associa-se a verbos que não são de adjectivais, ou seja, a verbos que não contêm na sua estrutura qualquer possibilidade de prefixação prévia em *in-*: *inadaptar*, *inadestrar*, *inadmitir*, *inalienar*, *incomunicar*, *inconfortar*, *inconsolidar*, *indeferir* e *independar*.

²¹ A maior parte dos nomes prefixados por *in-* negativo estão relacionados com adjectivos prefixados do mesmo modo, mas não são derivados desses adjectivos: *incorreção*, *incorrecto*; *indecisão*, *indeciso*; *indistinção*, *indistinto*; *ininterrupção*, *ininterrupto*; *incompreensão*, *incompreendido*; *inconformismo*, *inconformista*; *incompetência*, *incompetente*; *inconstância*, *inconstante*; *indiferença*, *indiferente*; *inexperiência*, *inexperiente*. Menos frequentemente, o prefixo *in-* associa-se a nomes simples ou a nomes complexos mas não deverbais: *inarmonia*, *incivismo*, *incultura*, *indecoro*, *indisciplina*, *inverdade*.

diversos afixos também tem história, por exemplo, nos casos em que se procura encontrar efeitos da potenciação de um sufixo por outro, ou nos casos em que se pretende avaliar a produtividade de sufixos concorrentes.

Como é sabido, a formação de palavras é cumulativa, quer no domínio abstracto do léxico de uma língua, quer no terreno mais concreto do léxico dos falantes. Assim, no presente trabalho pretendi demonstrar que a análise simultânea de estruturas formadas a partir de um mesmo radical é necessária e esclarecedora de algumas ocorrências de palavras complexas que a análise canónica não permite explicar.

Não deve, pois, ser desprezada a hipótese de encontrar um instrumento teórico que permita relacionar o que é compatível. A hipótese que aqui defendi foi a de esse instrumento teórico se encontrar na possibilidade de construção de uma estrutura convergente a partir de duas (ou mais) estruturas compatíveis e de essa estrutura convergente servir como plataforma para uma eventual mutação das propriedades dos constituintes envolvidos e para o estabelecimento de novos padrões de formação de palavras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. DI SCIULLO, A.M. e WILLIAMS, E. *On the Definition of Word*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 1987.
2. KAYNE, R. *Connectedness and Binary Branching*. Dordrecht: Foris, 1984.
3. LAW, P. Heads, Arguments and Adjuncts in Derivational Morphology. *MIT: Working Papers in Linguistics* 12, 1990.
4. LIEBER, R. *On the Organization of the Lexicon*. MIT: Dissertação de PHD, 1980.
5. LIEBER, R. On percolation. In: BOOIJ, G. e MARLE, J. *Yearbook of Morphology* 2 (95-138). 1989.
6. LIEBER, R. *Deconstructing Morphology. Word Formation in Syntactic Theory*. The University of Chicago Press, 1992.
7. SPORTICHE, D. Le mouvement syntaxique: contraintes et paramètres. *Langages*, 95 (35-80), 1989.
8. VILLALVA, A. *Estruturas Morfológicas. Unidades e Hierarquias nas Palavras do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e Tecnologia, 2000.

9. WILLIAMS, E. On the notions 'lexically related' and 'head of a word'. *Linguistic Inquiry*, 12.2 (45-74), 1981.

RESUMO: Partindo de uma breve descrição das estruturas morfológicas canónicas que ocorrem nas línguas de morfologia concatenativa, como o Português, constrói-se uma hipótese de relacionamento de estruturas geradas a partir do mesmo radical. Esta hipótese conduz à formação de uma estrutura única, chamada estrutura convergente, a partir da qual é possível alterar as propriedades dos constituintes morfológicos envolvidos e desenhar novas relações lexicais entre as diversas palavras participantes.

PALAVRAS-CHAVE: estrutura morfológica; estruturas convergentes; formação de palavras; paradoxos de parentetização; sufixação avaliativa.

ABSTRACT: Based on a short description of the standard morphological structures that occur in languages of a concatenative type, such as Portuguese, I have set up an hypothesis of relationship between structures that are generated upon the same root. This hypothesis leads to the formation of just one structure, which I have named converging structure that allows to change the properties of the morphological constituents and design news lexical relations.

KEYWORDS: converging structures; word structure; word formation; bracketing paradoxes; evaluative suffixation.

RESUMEN: Partiendo de una breve descripción de las estructuras morfológicas canónicas que ocurren en las lenguas de morfología concatenativa, como el Portugués, se construye una hipótesis de relación de estructuras generadas a partir de la misma raíz. Esta hipótesis conduce a la formación de una estructura única, llamada estructura convergente, a partir de la cual es posible alterar las propiedades de los constituyentes morfológicos involucrados y diseñar nuevas relaciones lexicales entre las diversas palabras participantes.

PALABRAS CLAVE: estructura morfológica; estructuras convergentes; formación de palabras; paradojas de agrupamiento; sufijación apreciativa.

Recebido no dia 05 de dezembro de 2008.

Artigo aceito para publicação no dia 02 de março de 2009.